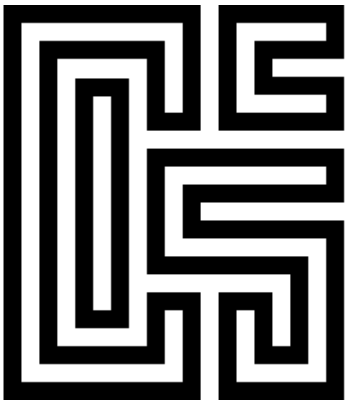
CISC



CENTRO INTERDISCIPLINAR DE SEMIÓTICA DA CULTURA E DA MÍDIA

O TEMPO LENTO E O ESPAÇO NULO.
MÍDIA PRIMÁRIA, SECUNDÁRIA E TERCIÁRIA

Norval Baitello Junior

A mídia primária, origem e chegada de toda comunicação

Harry Pross, em um clássico de 1971, *Medienforschung*, propõe uma classificação muito simples dos sistemas de mediação, da chamada mídia. Diz Pross: "Na mídia primária juntam-se conhecimentos especiais em uma pessoa. O orador deve dominar gestualidade e mímica (...), o mensageiro deve saber correr, cavalgar ou dirigir e garantir assim a transmissão de sua mensagem" (Pross, 1971:127).

E ainda: "Toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual os participantes individuais se encontram cara a cara e imediatamente presentes com seu corpo; toda comunicação humana retornará a este ponto" (Pross, 1971, 128).

Pross segue descrevendo as infinitas e ricas possibilidades comunicativas da mídia primária, lembrando a expressividade dos olhos, testa, boca, nariz, postura da cabeça e movimentos dos ombros, andar, postura corporal, tórax e abdômen, mãos e pés, sons articulados e inarticulados, odores, cerimoniais, ritmos e repetições, rituais e, por fim, as línguas naturais (naturalmente inclui-se aí a linguagem verbal falada).

A rigor abre-se aí uma porta que os estudos da comunicação humana, nos primórdios das chamadas Ciências da Comunicação, haviam ignorado e que requer revisão urgente. Um caminho que deve palmilhar as raízes filogenéticas dos códigos, seu desenvolvimento e seu *status* atual. Se partimos, com Pross, da premissa que "toda comunicação humana começa na mídia primária (...) e a ela retornará", temos de reconhecer a importância, para nossas Ciências da Comunicação, dos estudos de etologia, etologia comparada e etologia humana, dos trabalhos desde Konrad Lorenz e Nikko Tinbergen até Irenäus Eilb-Eibesfeldt e Frans de Waal, desde os estudos de Gregory Bateson e as aplicações da escola de Palo Alto até os trabalhos mais recentes de Boris Cyrulnik. Porém, o estudo da mídia primária está longe de esgotar-se nas aparências expressivas dos gestos e seu mapeamento, tal qual o faz no presente momento um grupo de investigadores europeus sob os auspícios da União Européia. Tal levantamento e seu mapeamento "lexical" da gestualidade são, sem dúvida, parte importante, mas de

longe não esgotam a questão. A investigação da mídia primária requer também complexas operações de cruzamentos de códigos (desde predisposições biológicas até hábitos étnicos, culturais e religiosos) e reconstituições culturais hipotéticas, ao lado das documentações históricas e sociológicas, mas também sem ignorar as possíveis raízes filogenéticas mais profundas de cada grupo de gestos. Assim, cada gesto diz o que diz porque é também resultante de uma história, de interações e de interferências. Aqui faz-se necessário mencionar o aporte do theco Ivan Bystrina que explana com clareza a respeito das "pontes" entre os códigos hipolinguais e hiperlinguais (aqueles regulando as trocas informacionais intra-orgânicas e estes, os complexos processos culturais). Bystrina, na trilha de Jakob e Thure van Uexküll, demostra como os códigos culturais interferem nos códigos hipolinguais e vice-versa.

A mídia secundária é constituída, para Pross, por "aqueles meios de comunicação que transportam a mensagem ao receptor, sem que este necessite de um aparato para captar seu significado, portanto são mídia secundária a imagem, a escrita, o impresso, a gravura, a fotografia, também em seus desdobramentos enquanto carta, panfleto, livro, revista, jornal (...)" (Pross, 1971:128).

Na mídia secundária apenas o emissor necessita um aparato (ou suporte). Assim, constituiriam mídia secundária as máscaras, pinturas e adereços corporais, roupas, a utilização do fogo e da fumaça (incluindo os fogos de artifício e fogos cerimoniais, velas, etc.), os bastões, a antiga telegrafia ótica, bandeiras, brasões e logotipos, imagens, pinturas e quadros, a escrita, o cartaz, o bilhete, o calendário. Como se pode constatar facilmente, o grau de complexidade de alguns veículos da mídia secundária está por merecer melhor atenção da pesquisa em nossa área. Desde já, as implicações da escrita e seus desdobramentos, inaugurando a tão festejada "era virtual".

Assim, podemos dizer que, na mídia secundária, apenas o emissor se utiliza de prolongamentos para aumentar ou seu tempo de emissão, ou seu espaço de alcance, ou seu impacto sobre o receptor, valendo-se de aparatos, objetos ou suportes materiais que transportam sua mensagem.

Cabe aqui novamente um destaque, pouco considerado enquanto campo de estudos da comunicação: os sistemas de vestimenta e da moda enquanto mídia secundária.

A mídia terciária, diz Pross, "são aqueles meios de comunicação que não podem funcionar sem aparelhos tanto do lado do emissor quanto do lado do receptor" (Pross, 1971:226). Contam aí a telegrafia, a telefonia, o cinema, a radiofonia, a televisão, a indústria fonovideográfica e seus produtos, discos, fitas magnéticas, cd's, fitas de vídeos, dvd's, etc.

Considerando-se que estamos falando de um sistema (a comunicação humana) e sua complexificação, não é difícil compreender que a cumulatividade é um de seus princípios fundamentais, permitindo assim a constituição de uma memória. Assim, o advento da mídia secundária não suprime nem anula a mídia primária que continua existindo enquanto núcleo inicial e germinador. Assim também, a mídia terciária não elimina a primária nem a secundária, mas apenas acrescenta uma etapa à anterior.

O que, no entanto, caberia perguntar é pelas conseqüências de uma hipertrofia dos sistemas de mediação mais complexos, à custa de uma atrofia dos sistemas primários simples. Tal diagnóstico não apenas é possível como urgentemente necessário, sobretudo em vista de um certo ofuscamento da capacidade crítica diante da natureza mágica dos novos e vertiginosos desdobramentos da mídia terciária.

A escrita, a conquista da lentidão e a vitória sobre o tempo e a morte

Em 1919, em um de seus famosos e divertidos *happenings*, os dadaístas berlinenses promoveram uma corrida pública entre uma máquina de escrever e uma máquina de costura. Enquanto Raoul Hausmann costurava uma fita de crepe interminável, Richard Huelsenbeck datilografava desesperadamente folha após folha um texto incompreensível. Finda a corrida, o júri deu a vitória à máquina de costura, provocando o protesto de Huelsenbeck, que atirou sua máquina ao chão. O aparente *nonsense* do *happening* dadaísta ilustra um aspecto pouco

considerado da comunicação humana: a escrita e o tempo criado por ela, inauguradores não apenas de toda uma importante era da palavra visual, mas também instrumentos da conquista de um tempo lento.

Excetuando-se alguns poucos e honrosos trabalhos como o de Vilém Flusser (1987, *Die Schrift*) e de alguns antropólogos (por exemplo Jack Goody, 1986, *The logic of writing and the organization of society*), pouco se escreve atualmente sobre a escrita e a leitura e suas conseqüências sobre a gestação do tempo lento. O tempo lento da escrita é o tempo que não apenas permite a reflexão mas também a retrospecção. E, com isso, abre as portas para uma outra escrita, a escrita da história. Assim escreve Harry Pross em homenagem aos 70 anos de Vilém Flusser: " A ligação entre jornal e escrita é evidente. Ambos são filhos da crônica e netos do calendário" (Pross, 1990:147).

Há um evidente avanço na relação do homem consigo mesmo, trazido pela mídia secundária, uma evidente expansão das fronteiras de seu imaginário e portanto de sua cultura. A mídia primária é presencial, exige a presença de emissores e receptores em um mesmo espaço físico e num mesmo tempo - é portanto a mídia do tempo presente e suas tensões e surpresas, de sua sensorialidade múltipla e de sua sensualidade potencial (quem negaria a proximidade da fala com o beijo? E do beijo com o ato primordial da evolução ontogenética da comunicação humana, a amamentação?). Por outro lado, com a mídia secundária inauguram-se a permanência e a sobrevida simbólicas após a presença do corpo. Com a escrita e seus precursores (as imagens gravadas sobre suportes duráveis) impõe-se o homem sobre a morte e seu tempo irreversível, vencendo simbolicamente seu maior e mais poderoso adversário. O grande trunfo da escrita não é, portanto, a velocidade, mas a lentidão que permite cifrar e decifrar enigmas. O tempo lento da escrita e da leitura permite alongar a percepção do tempo de vida.

Assim, na aposta dadaísta, a derrota da máquina de escrever para a máquina de costura pode ser vista como fina paródia ao *nonsense* da aceleração e como arguta análise da alma da escrita.

A eletricidade como mídia, a anulação do espaço, a aceleração do tempo, a oralidade mediatizada e a presença conservada

As reflexões sobre a mídia terciária têm ocupado grande parte dos estudos da comunicação humana. Sobretudo as manifestações mais recentes e os desenvolvimentos da tecnologia da comunicação têm merecido a atenção dos investigadores, seja por seu caráter de novidade, seja por sua natureza lúdica vertiginosa (cf. "jogos de vertigem" em Caillois, 1990). Importante, porém, enfatizar que a complexificação do processo de mediação exige disponibilidade tecnológica tanto para o emissor quanto para o receptor. Existe uma crescente transferência de "atribuições e responsabilidades tecnológicas para a esfera da recepção, trazendo em contrapartida, inúmeros ganhos e suas respectivas perdas. Dentre os ganhos fundamentais encontram-se a redução crescente (alcançando em casos especiais a anulação mesma) do espaço. A grande dificuldade do transporte físico da mensagem presente na mídia secundária reduz-se, ou anula-se na terciária, graças aos sistemas de eletrificação, às diferentes redes de cabeamento e à transmissão por ondas. Na verdade a grande mídia terciária do nosso tempo é a eletricidade, o mediador de todas as outras possibilidades de geração, transmissão e conservação de mensagens. Graças aos sistemas e redes elétricos puderam ser desenvolvidos todos os grandes sistemas contemporâneos de comunicação terciária. Estes sistemas se caracterizam pela relativização do espaço (até sua anulação), tornando irrelevante a dimensão do transporte físico de suportes ou portadores de mensagens.

Por outro lado, a mídia terciária provocou uma aceleração do tempo e das sincronizações sociais. Os ritmos, ditados pela espera na mídia secundária, se aquecem na terciária, trazendo alterações comportamentais importantes. Resgata-se a oralidade, mais célebre que a escrita. Instala-se a sua conservação em suportes legíveis por aparelhos elétricos. Torna-se possível a escolha entre a oralidade mediata, a distância e sem a presença física do interlocutor, ou mediatizada, conservada para posterior audição. Inaugura-se assim a conservação da presença, por meio de imagens e de som. A presença conservada

é a criação de um eterno presente que, no entanto, é apenas memória e indício de um sujeito emissor.

A possibilidade de produção de imagens, visuais ou acústicas, sua reprodução ilimitada, sua distribuição irrestrita têm levado a comunicação humana a uma hipertrofia da visão e da visibilidade, em uma transferência da tridimensionalidade presente na mídia primária (com seus sentidos táteis) para as superfícies bidimensionais.

Restaria aqui perguntar, com Dietmar Kamper, diante da excessiva visibilidade, pelas invisibilidades todas. Questionar se:

"*Ver é permanecer na superfície. A profundeza do mundo não é atingível pelo olho. E quando o olho se intromete, aumentam apenas os planos, as superfícies e as superficialidades. A era ótica o provou ex negativo. Seu lema 'tornar visível tudo o que é invisível´ era duplamente falacioso. Não atingiu o antigo invisível e produziu uma nova invisibilidade. Está preso à visão um ofuscamento específico: quanto mais visibilidade, tanto mais invisibilidade"* (Kamper, 1995: 57).

Referências bibliográficas

BAITELLO Jr., Norval. *Dada-Berlim. Des/Montagem.* São Paulo: Annablume, 1993.

BYSTRINA, Ivan. *Tópicos de Semiótica da Cultura.* São Paulo: CISC-PUC/SP. Pré-print. 1995.

CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens*. Lisboa: Cotovia, 1990.

KAMPER, Dietmar. *Unmögliche Gegenwart. Zur Theorie der Phantasie.* München: W. Fink, 1995.

PROSS, Harry. *Medienforschung.* Darmstadt: Carl Habel, 1971.

PROSS, Harry. *"Die lange Weile des Lesens".* In: *Über Flusser.* Düsseldorf: Bollmann, 1990.

Fonte:
Texto apresentado no Grupo de Trabalho - GT Comunicação e Cultura, durante o IX encontro anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - COMPÓS. Porto Alegre, 2000.

Publicado em:
FAUSTO NETO, Antônio *et al.* (Org). *Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade.* Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

Signature Not Verified

CISC - Centro Interdisciplinar de Semiotica da Cultura

Digitally signed by CISC - Centro Interdisciplinar de Semiotica da Cultura
DN: cn=CISC - Centro Interdisciplinar de Semiotica da Cultura, c=BR
Date: 2003.03.16 19:14:25 -03'00'